



O QUE PODE O OLHAR DO OUTRO?

Ailton Dias de Melo¹
Cláudia Maria Ribeiro²

Resumo

Este texto é parte da dissertação que se propôs a problematizar as transgeneridades considerando os referenciais pós-estruturalistas, feministas, queer e a teorização foucaultiana. Deriva de problematizações de enunciados e discursos desvelados pelo documentário brasileiro - de gravata e unha vermelha - da psicanalista, roteirista e diretora Miriam Chnaiderman, que explora em diversas entrevistas as relações de poder existentes entre os processos de governamentalidade dos corpos e a transgeneridade. O projeto surgiu do desejo de compreender o fenômeno de relações de pessoas que têm em comum a não identificação com comportamentos esperados do gênero que lhes é atribuído socialmente em função de seu chamado “sexo” biológico.

Palavras-chave: Transgeneridade. Governamentalidade. Educação.


Uma pequena parte de algo um pouco maior

Não ter um lugar definido aonde se chegará não diminui o sentido das travessias, pelo contrário as tornam mais instigantes. Parece loucura tal afirmação no início de um trabalho de matriz científica. Que seja! Afinal o que é a loucura senão um descanso proporcionado pela “desrazão”? Que mal há nisso, se podemos questionar a ciência, a razão e até mesmo o próprio mal? O que temos aqui é um fragmento de uma dissertação de mestrado intitulada “De gravata e unha vermelha”: transgeneridades e sexualidades (MELO, 2017). Uma pesquisa em que nos lançamos num mar de processos de exploração/reflexão, em uma navegação que de antemão não foi determinada. O navegar é sempre uma criação e isso é necessário, mas não é exato. Como observa Ribeiro (2011) propomo-nos à contradição, ao paradoxo, ao enigma de navegar por entre o preciso e o impreciso, por entre produções intelectuais, vivências, experiências, discursos, resistências, capazes de criar desequilíbrio, arranhaduras e até fissuras em alguns “regimes de verdade”. Nossas inquietações indicavam que era preciso navegar, mas nossos referenciais teóricos alertavam que nossa navegação não se encerraria em prévia precisão, pois isso não seria *queer*, pós-estruturalista, feminista e foucaultiano. Fomos impelidos à ousadia de nos rendermos ao apelo das águas por

¹ Doutorando, FURG, no.tl.ia@hotmail.com

² Professora Titular. Departamento de Educação/UFLA, ribeiro@ded.ufla.br





onde queríamos navegar. Com esta imagem tomamos um ensaio sobre a imaginação da matéria intitulado *A Água e Sonhos*, em que Bachelard (1998), tece provocações sobre as relações que temos com os elementos sobre os quais nos lançamos.

Tratando da água, esse autor afirma que quando repercute em nós um apelo desse elemento isso exige de nós entrega custe o que custar. Segundo Foucault (2000, p. 255) “o saber não é feito para consolar, ele decepiona, inquieta, secciona e fere”. Em vias de possíveis desconstruções do que imaginamos como fim, ao começar este projeto foi preciso assumir que não tínhamos um destino único e certo de onde chegar.

Em Foucault (2014, p. 14), descobrimos que pesquisa tem relação direta com uma “experiência modificadora de si mesmo no jogo da verdade, e não com apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação”. Seguimos por isso enviesados pela bússola dos princípios norteadores das metodologias pós-críticas que tencionam o campo das teorizações das pesquisas por meio da problematização de vários conceitos como: saberes, verdades e poderes, além de vários outros que se articulam como identidade, linguagem, discurso, subjetivação e etc. Nesse contexto nos tornou cara a ideia de fazermos uma pesquisa via problematizações. Esse fazer, nós assumimos tendo como referência o sentido dado por Michel Foucault em suas investigações. Segundo Revel (2011, p. 123),


nos últimos dois anos de sua vida Foucault utiliza, com uma frequência cada vez maior, o termo “problematização” para definir sua pesquisa. Por “problematização” ele não entende a reapresentação de um objeto preexistente, nem a criação pelo discurso de um objeto que não existe, mas “o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que introduz algo no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.”).

Assumimos em nosso projeto a problematização como uma ação investigativa e, como nos ensina Fischer (2012), buscamos pensar as coisas como problemas, tomando distância em relação ao que vemos e ao que sabemos, para que seja possível transformar constatações em problemas a serem pensados, investigando o que possibilitou, em um determinado tempo, a instalação de modos de saber, de poder, de ser e estar no mundo.

Nossa principal fonte de problematizações neste trabalho é o documentário brasileiro - *de gravata e unha vermelha* - dirigido por Miriam Chnaiderman, que explora em diversas entrevistas o universo transgênero compreendendo transexuais, dragqueens, travestis, homens e mulheres trans, cross-dressers, enfim pessoas transgêneras que preferem não se encaixar em nenhum dos lados do binarismo vigente, evitando nomes e descrições.

Personalidades intensas, transgressoras e provocadoras, do mundo da moda, da música, do teatro, da publicidade e da militância transgênera estão presentes narrando como se constituíram ou se constituem todos os dias na expressão de gênero ou não gênero com os





quais se identificam ou escolhem viver e se expressar. Histórias de dor e alegria que resultam do enfrentamento dos padrões, das resistências diárias. Histórias de vida, gestos, posturas políticas, ideias, escolhas estéticas, o dito e não dito... Não tínhamos a princípio uma pergunta que queríamos responder, pelo contrário tínhamos encontros, narrativas, imagens, músicas e situações diversas que queríamos questionar.

O primeiro questionamento foi sobre o porquê de uma produção como o documentário de gravata e unha vermelha, ao transformar as transgressões de gênero num filme, nos atingia a ponto desse artefato se transformar em um material empírico de pesquisa no campo educacional. Segundo Ellsworth (2001), os teóricos do cinema desenvolveram a noção de modo de endereçamento para que o cinema tivesse um modo próprio e singular para manter relação com questões advindas do crivo da crítica de arte e de literatura, a sociologia, a antropologia, a história e a educação. Ou seja, um projeto em si mesmo para além do entretenimento e da diversão que busca abranger processos de formação.

o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e à formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico, que, desde muito cedo, se acreditava capaz de interferir, de algum modo, na educação das massas, fora dos bancos escolares. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 61).

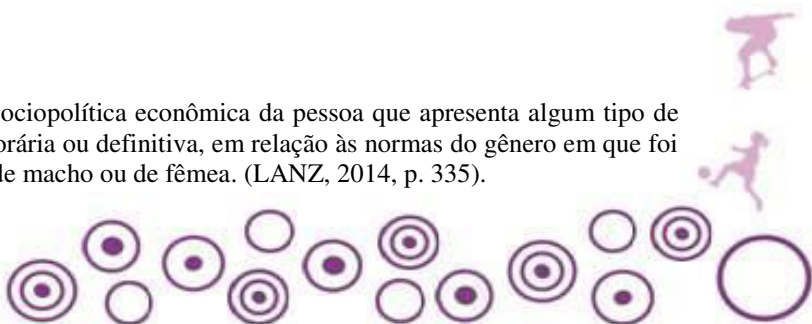
O olhar do outro e as relações de poder


Como rota de navegação assumimos a imagem da transgeneridade como um guarda-chuva, proposto por Letícia Lanz (2014), para dizer de um fenômeno extremamente amplo, que compreende uma imensa variedade de manifestações. Tomamos assim toda transgressão de gênero sob o conceito de *transgender*.

(Trans, Trans*, TG ou T*; inglês transgender). Refere-se a todo tipo de pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas no que diz respeito à conduta preconizada pelo dispositivo binário de gênero. O termo transgênero busca cobrir um amplo espectro de comportamentos considerados transgressivos à disciplina e às interdições impostas por esse dispositivo, que vão desde a simples curiosidade de experimentar roupas/calçados/adereços próprios do outro gênero até a firme determinação de realizar mudanças físicas através do uso de hormônios e cirurgias. (LANZ, 2014, p. 334).

As divergências provocadas pela transgeneridade³ borram as fronteiras com as quais se quis e se quer demarcar a sexualidade humana em suas variações de experiências, prazeres e expressões. Rogéria, numa cena extra de sua participação no documentário de gravata e

³Transgênero não é identidade, mas a condição sociopolítica econômica da pessoa que apresenta algum tipo de não conformidade, superficial ou profunda, temporária ou definitiva, em relação às normas do gênero em que foi classificada ao nascer, em razão da sua genitália de macho ou de fêmea. (LANZ, 2014, p. 335).





unha vermelha (Título 15/15)⁴ faz afirmações que indicam a subversão dessas barreiras de modo muito veemente:

Eu sou muito feliz em ser homem (00:00:01)⁵.

Passar por mulher... nunca (00:00:15).

Eu não sou o tempo todo uma mulher, depende muito, se estiver disposta eu sento para fazer um pipi, se eu não tiver, eu me levanto (00:01:04).

Esse fluxo de transição borra fronteiras e gera impasses entre as ciências biológicas/médicas, a psicologia e algumas teorias sociais. Dudu Bertholini, curador do documentário ao lado de Miriam Chnaiderman, sua entrevista extra (Título 8/15), nos convida a pensar sobre o impacto do olhar dos outros sobre nós. Ao falar de sua forma transgressora de se vestir e se apresentar de forma pública, Dudu nos instiga a pensar como somos vistos, como percebemos isso, como o olhar dos outros nos atinge, o que provoca em nós

quando eu saio vestido na rua do jeito que eu sou eu causo todo tipo de reação. Tem gente que tem fascínio e se encanta, tem gente que se espanta e acha ridículo (00:00:11).

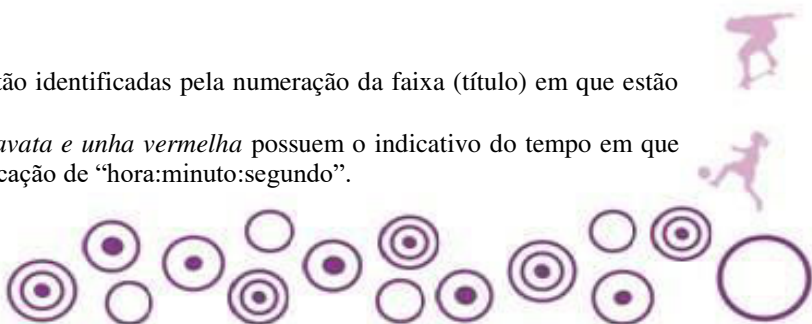
No esboço dessa problematização identificamos evidências de “governamentalidade”. Foucault (2007) entende na interface entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si uma biopolítica que pensamos a partir dos corpos e das imagens corporais que criamos e expressamos no dia a dia. Para Foucault (2007) nossos corpos habitam uma esfera política e com isso estão entrelaçados em relações de “poder-bio-político”.


(...) o corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 2007, p. 28).

Nessa elaboração supracitada do pensador francês, encontramos a ideia de um “saber” sobre o corpo que não é caracterizado como um conhecimento de seu funcionamento apregoado por uma fisiologia, mas um saber de controle, chamado por ele de “tecnologia política do corpo”. O interessante sobre essa ideia é que esse poder não é facilmente localizado por não se constituir de modo específico em uma instituição, mas estar sim em trânsito fluido e difuso. Com isso se disfarça facilmente e não raras vezes inverte perspectivas.

⁴Referências às cenas extras do documentário estão identificadas pela numeração da faixa (título) em que estão dispostas no DVD.

⁵As transcrições de falas do documentário *de gravata e unha vermelha* possuem o indicativo do tempo em que aparecem no DVD. O formato adotado é de indicação de “hora:minuto:segundo”.





Quando Rogéria dilui para si mesma as demarcações do ser homem ou mulher e o criador de imagens de moda, Dudu Bertholini, afirma se vestir para ele mesmo sem um crivo marcador de gênero percebemos o quanto uma forma transgressora de ser, estar e se comportar no mundo gera reações. Consideramos, no entanto que isso costuma ter implicações reversas. Ao provocarmos uma reação isso de certa forma nos afeta. Há quem se mantenha segundo suas convicções, pouco se deixando influenciar. No entanto, há quem também se preocupe em responder, de alguma forma, buscando mudanças na sua forma de se apresentar e se comportar, para se enquadrar em um padrão mais aceitável, quando se trata de algo assimilado como ofensa. Mas há também quem reaja buscando o reforço de um maior e melhor estereótipo, quando se trata de um elogio, que implica aceitação social.

Samantha Aguiar aparece pela primeira vez no documentário se maquiando com cuidado, e afirma:

Como transexual, depois que a gente se transforma, é muito importante a opinião dos homens, muito, muito mesmo, porque uma mulher, é para o homem. Toda mulher, tem sua vaidade feminina em função às vezes dos homens também, de querer conquistar, atrair um olhar, querer atrair um companheiro (00:09:34).

A evidência de repetição da fala de Samantha sobre a importância do olhar/opinião parece legitimar o senso de que a mulher “está para” o homem e configura o que é chamado de feminilidade (vaidade) a partir de uma ideia de masculinidade, um “existir em função de”.

Um questionamento para encerrar por hora e manter aberta a discussão

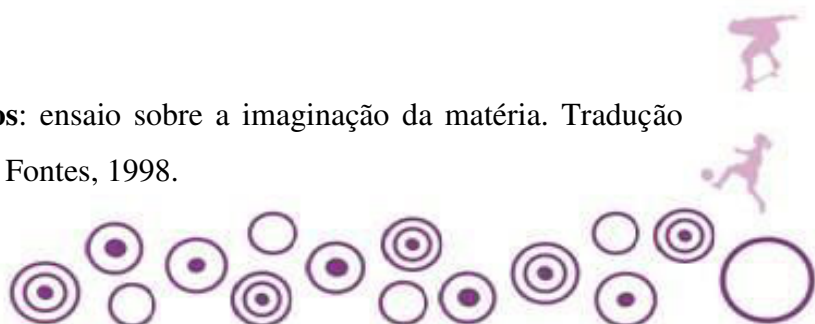
Na peça “Entre quatro paredes” Sartre (2007) alude a ideia de que olhar do outro se configura como o nosso inferno, numa fenomenologia do Outro e do “ser para outro” onde o ver e ser visto corresponde a dominar e a ser dominado. Em o ser e o nada Sartre (2003, p. 361) afirma:

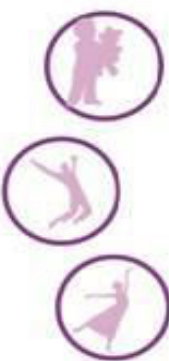
[...] temos, com efeito, consciência de um ser concreto e individualizado, com uma consciência coletiva: são imagens que poderão servir para traduzir depois nossa experiência, mas não corresponderão a ela nem pela metade. Mas tampouco captamos um olhar plural. Trata-se, sobretudo, de uma realidade impalpável, fugaz e onipresente, que realiza, frente a nós, o nosso eu não-revelado e que colabora conosco na produção desse Eu que nos escapa.

Seríamos seres para o outro? Esse inferno de Sartre tem qual conotação? Nossa existência depende de alguém que nos percebe e legitima?

Referências

BACHELARD, G. **A Água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: M. Fontes, 1998.





DUARTE, R.; ALEGRIA, J. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-79, jan./jun. 2008. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6690/4003>>. Acesso em: 17 out. 2016.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FISHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autentica, 2012. (Estudos Foucaultianos).

FOUCAULT, M. Crescer e multiplicar. In: FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 255-259. (Ditos e escritos, II).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

LANZ, L. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MELO, Ailton Dias. de. **“De gravata e unha vermelha”**: transgeneridades e sexualidades. 2017. 189 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação)-Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, C. M. Agitando conceitos que perpassam as temáticas de gênero e sexualidade: navegando por entre dimensões teóricas, metodológicas e políticas. In: CASAGRANDE, L. S.; LUZ, N. S.; CARVALHO, M. G. (Org.). **Igualdade na diversidade enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: UTFPR, 2011.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 2003.

SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

